

10º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política

30 de Agosto a 2 de Setembro

Belo Horizonte - Minas Gerais

Área Temática - Ensino e Pesquisa em Ciência Política e Relações Internacionais

**Explicando Mais e Melhor: A Aplicabilidade do Múltimétodo para a Pesquisa em
Relações Internacionais**

Cinthia Regina Campos Ricardo da Silva

Universidade Federal de Pernambuco

Explicando Mais e Melhor: A Aplicabilidade do Múltimétodo para a Pesquisa em Relações Internacionais

Prof. Dr^a Cinthia Regina Campos (cinthyacp@gmail.com)¹

Resumo:

A pesquisa científica em Relações Internacionais figura como recente, quando comparada às demais disciplinas, a exemplo da Ciência Política. A interdisciplinaridade latente da área permite uma amplitude de abordagens teóricas e metodológicas que é salutar ao passo que dificulta qualquer tentativa de síntese. Na primeira parte do artigo, parte-se do pressuposto que a complexidade causal característica das Relações Internacionais deve ser vista como aliada e não como um impeditivo para o uso de uma metodologia de pesquisa mais robusta. A pesquisa empírica em Relações Internacionais tem tradicionalmente lançado mão de técnicas qualitativas, principalmente o estudo comparado de casos específicos e a análise descritiva histórica.

No entanto, como apontam Mearsheimer & Walt (2013), é crescente o número de artigos na área de RI, principalmente entre *scholars* norte-americanos, que buscam reconhecimento acadêmico ao tentar realizar testes estatísticos de hipóteses, nem sempre bem sucedidos por ignorar algumas especificidades da área. Apesar do impacto da obra de King, Keohane e Verba (1993) tem sido fundamental para estimular o debate metodológico nas ciências sociais, este artigo parte do pressuposto que as RIs enfrentam uma dificuldade extra em aplicar o conceito de causalidade linear proposto pelos autores. No segundo momento, o artigo discute um dos principais problemas que dificultam o emprego de teste de hipóteses é a questão da mensuração dos principais conceitos de RI, a exemplo das noções clássicas de poder, *balance of power*, *spill-over*, aprofundamento ou não de integração regional, dentre outros.

Em seguida, discute-se o multimétodo como uma ferramenta analítica que precisa ser mais estimulada nas RIs. A conexão entre diversas técnicas de pesquisa é apresentada como uma forma de manter o propósito científico de fornecer uma explicação, mas ao mesmo que abarque a complexidade causal inerente da área. O argumento é que o verdadeiro progresso para uma ciência social mais rigorosa passa inevitavelmente pela combinação das ferramentas quanti e quali, respeitando a lógica interna de cada uma, mas

¹ Pesquisadora do Programa Nacional de Pós-doutoramento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nivel Superior/CAPES, no Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco; membro do Núcleo de Política Comparada e Relações Internacionais/ UFPE; do Preator/UFPE e do Centro de Estudos Internacionais/UFS. Este texto está parcialmente contemplado no artigo "O Labirinto Metodológico das Relações Internacionais: Dilemas e Potenciais Saídas", publicado na Revista Política Hoje, vol.24, nº2, 2015. Para ter acesso: <http://www.revista.ufpe.br/politica/hoje/index.php/politica/issue/view/30/showToc>

sempre com o objetivo final de explicar em profundidade o objeto de estudo. Por fim, buscase na literatura específica em RI, exemplos de como o multimétodo é aplicado e as dificuldades inerentes em seu uso.

Palavras chave: Complexidade Causal; Metodologia; Relações Internacionais.

1. Introdução: A Incipiência do Debate

Uma busca rápida em um dos maiores portais de acesso gratuito a periódicos e de ampla abrangência nacional, o *Scielo*, revela um cenário preocupante: uma escassez de artigos dedicados a discutir metodologia em Relações Internacionais (RIs). Em algumas raras exceções é possível encontrar exemplares que separam ao menos uma seção para apresentar o método aplicado à pesquisa desenvolvida no texto (Oliveira et al, 2006; Hoffmann et al, 2008; Tostes, 2009; Campos, 2009; Steiner, 2011). Em grande medida, o debate metodológico nos principais periódicos da área publicados no Brasil remete-se ao refino teórico e conceitual das abordagens clássicas, a exemplo das escolas realista e liberal (Herz, 1999; Cervo, 2003, 2008); ou ainda ao cenário nacional de expansão do ensino da disciplina e às possibilidades de autonomia (Miyamoto, 1999, 2003; Lessa, 2005; Santos & FONSENCA, 2009).

Em contrapartida, observa-se um lento porém frutífero movimento de redirecionar o debate, a exemplo da inserção de Workshops Doutorais nos encontros nacionais da Associação Brasileira de Relações Internacionais (ABRI) e a recente chamada de artigos para o dossiê da Revista Brasileira de Política Internacional sobre as dificuldades do pluralismo característico da área. No entanto, várias perguntas persistem: para além das necessárias discussões epistemológicas e ontológicas da disciplina, quais ferramentas analíticas se adequam melhor aos problemas investigados pelas RIs? Que opções metodológicas estão disponíveis? E mais, quais os principais dilemas ao conectar teoria e empiria em estudos marcados pela complexidade causal?

2. A História Sem Fim

Uma das cenas mais emblemáticas desse clássico dos anos 80 é quando Atreyu precisa atravessar o pantano da tristeza com seu cavalo, Artax. A única regra é não se deixar afetar pelo ambiente escuro, frio e inóspito do lugar, pois aquele que for tomado pela tristeza afundará na lama, em um drama sem volta. O debate acerca dos dilemas ontológicos e epistemológicos das relações internacionais reflete um pouco a cena: passar por ele é inevitável, mas a travessia deve ser parcimoniosa, objetiva e realista. Um consolo

para as RIs é que suas dificuldades não são diferentes daquelas enfrentadas pelas demais ciências sociais.

Marsh & Furlong (2002) bem lembram que dificilmente um pesquisador, principalmente das ciências sociais, é totalmente isento de valor em suas premissas ontológicas e epistemológicas. A exemplo de um pesquisador que se identifique com o Positivismo, este busca uma separação mínima entre suas convicções pessoais e o objeto de estudo, recorrendo às técnicas de pesquisas que priorizam relações causais e generalizações. Todavia, a identificação inicial pelo Positivismo como ferramenta para produzir conhecimento já revela um posicionamento do pesquisador acerca de sua concepção de ciência. Bem como alertam os autores: "...all students of political science should recognize and acknowledge their own ontological and epistemological positions and be able to defend these positions against critiques from other positions" (*Idem*, 2002: 17).

Além do Positivismo, há uma segunda corrente epistemológica classificada como hermenêutica, também conhecida como interpretativista. Nesta perspectiva, toda e qualquer forma de conhecimento é subjetiva, percebendo a realidade como socialmente construída, passível de mudanças e interpretações. Ao contrário dos positivistas mais aguerridos, que se atem somente aos fenômenos sociais passíveis de observação direta, os adeptos da hermenêutica se preocupam especialmente em compreender os mecanismos sociais que permeiam as relações humanas. Em outras palavras, enquanto o primeiro está interessado em *por que* certos fenômenos ocorrem, a segunda corrente busca entender *como* esses processos se desenvolvem.

Um problema que Della Porta & Keating (2008) bem apontam é a recorrente confusão entre epistemologia e método, quando na verdade, apesar de conectadas, são duas noções diferentes. Separar ou aderir às correntes positivistas ou interpretativistas em virtude dos métodos que *a priori* aplicam com mais frequência é um erro que deve ser evitado. Segundo os autores: "Methods are no more than ways of acquiring data. Questions about methods do, however come together with epistemology and theory in discussions about methodology, which refers to the way in which methods are used" (Della Porta & Keating , 2008: 29). O que diferencia as duas correntes inicialmente é como elaboram a questão de pesquisa: enquanto os positivistas constroem e operacionalizam suas hipóteses de forma dedutiva, baseadas em teorias e conhecimento prévio; os interpretativistas derivam suas hipóteses de forma mais indutiva, em que seus conceitos emanam e se modificam no decorrer da própria pesquisa. É importante lembrar que aqui se refere às abordagens clássicas positivistas e interpretativistas, em que a partir delas uma gama imensa de ramificações surgiu ao longo da história da teoria do conhecimento.

De uma forma geral, os positivistas estão interessados em identificar causalidades e padrões de comportamento, analisando o maior número possível de casos, captando as variações entre eles; enquanto que os interpretativistas priorizam um número reduzido de casos, com o objetivo de acumular o máximo de informações na tentativa de apreender a complexidade do problema específico de pesquisa. Como Della Porta & Keating (2008) deixam claro, a escolha epistemológica precede à escolha das técnicas de pesquisa. Uma vez que o pesquisador se identifique com uma determinada perspectiva científica partirá, então, para a escolha dos métodos que melhor se enquadram aos seus objetivos de pesquisa. Apesar da obviedade neste procedimento, Green & Shapiro (2005) bem lembram que há uma tendência em priorizar a técnica em detrimento do problema de pesquisa, principalmente pelos positivistas. Isso significa dizer que um pesquisador que domina métodos quantitativos, finda por se dedicar a temáticas capazes de serem mensuradas e dificilmente aplica outras técnicas como entrevistas, análise de discurso, estudo de casos, etc.

Essas características guiam ao problema de adesão a duas modalidades de pesquisa: *method-driven* versus *problem-driven* (Idem, 2005). A primeira refere-se diretamente ao apego do pesquisador ao método que este mais domina, o que o impele a analisar apenas temáticas que se enquadram em uma técnica específica de pesquisa. Em contrapartida, os autores defendem uma postura científica que priorize o problema de pesquisa, aplicando todas as ferramentas disponíveis, contanto que contribuam para apreender ao máximo do objeto de pesquisa. Green & Shapiro (2005) apontam como solução um universalismo parcial, em que se admite predições, pressupostos definidos pela teoria, mas que não eliminam totalmente explicações alternativas ou complementares.

Destaca-se aqui três pontos principais que estão nas entrelinhas do alerta de Green & Shapiro: parte-se primeiro de uma pergunta de pesquisa que leve em consideração a empiria e suas limitações; é possível sim ser guiado apenas pela técnica específica com a qual está mais familiarizado, no entanto tem-se que reconhecer as limitações das conclusões a que se chegou; por fim, o multimétodo, ou seja, o emprego de diversas ferramentas de pesquisa contribui não apenas para o melhor entendimento de um problema mais complexo, como também elimina em algum grau explicações alternativas. Em suma:

“Whether the tools of economics, psychology, sociology or other discipline should be brought to bear in the study of a given problem is always an open question, depending on the nature of the problem and the prior history of attempts to study in these and other disciplines” (Idem, 2005: 99).

Apesar deste debate se concentrar nas Ciências Sociais em geral, esses dilemas estão igualmente presentes na análise de Relações Internacionais. Hollis & Smith (1991) classificam os paradigmas em duas categorias: os compromissados com a explicação;

enquanto outros com a compreensão da política internacional. Segundo os autores, são duas lógicas diversas de causalidade e, portanto, Realismo e Idealismo se localizam em esferas opostas de classificação. De modo geral, o Realismo busca reproduzir o caráter científico das ciências naturais, enquanto o Idealismo/Liberalismo percebem o mundo como um espaço aberto à ser compreendido e não controlado ou testado.

Wight (2002) considera que o debate acerca dos posicionamentos ontológicos e epistemológicos nas RIs vão para além desse binômio explicação e compreensão. Segundo o autor, três debates distintos estão presentes e em que há um *continnum* ao invés de uma oposição entre seus componentes, são eles: explicação e compreensão; positivismo e pós-positivismo; racionalismo e reflexivismo. Em outras palavras, não há sequer um consenso sobre o significado de *ciência*, principalmente nas Relações Internacionais. Uma das questões que norteiam o debate na literatura internacional diz respeito à real possibilidade de se apreender todas as nuances da complexidade internacional, em que fatores histórico-culturais apresentariam um impacto maior no plano externo do que no plano interno dos Estados (Lebow, 2007; 2014; Hopf, 2007). No próximo tópico, tratar-se-à dessas especificidades metodológicas da área.

3. Armadilhas e Desafios da Pesquisa Científica em RIs.

3.1 Muitas variáveis, poucos casos.

Tradicionalmente, a Política Comparada tem sido associada às Relações Internacionais como uma sub-área desta. Inevitavelmente, a larga maioria dos internacionalistas realizam estudos de casos comparados provavelmente por não dominarem outras ferramentas que se adequem à pergunta de pesquisa. Dessa forma, a comparação entre países torna-se um recurso comum nas análises em RIs. No entanto, a política comparada não é uma área específica de estudo, mas um método aplicável a qualquer pesquisa que tenha por objetivo estabelecer proposições gerais (Lijphart, 1971:682). Também é interessante ter em mente que a política comparada é uma estratégia de pesquisa; mais um procedimento do que uma técnica (Idem, 1971).

Como discutido anteriormente, a questão de pesquisa a ser respondida e a tipologia dos dados disponíveis para respondê-la serão fatores determinantes na escolha da técnica de pesquisa, seja ela quantitativa ou qualitativa. No entanto, o método comparado é comumente aplicado para pesquisas com *intermediate* ou *small-n*, ou seja, estudo de poucos casos. Isso se deve principalmente ao problema da indeterminação causal quando se tem mais variáveis do que número de casos. Em virtude disso, a técnica estatística perde a capacidade de determinar com segurança quais são os fatores sistêmicos que apresentam

maior impacto na variável de interesse. Também por isso o método comparado foi tão bem aceito nas Relações Internacionais, pois permite analisar diversas variáveis em distintos fenômenos, desde países a guerras e tratados internacionais.

A parte da funcionalidade do estudo de caso questiona-se também como selecioná-los. Este é um problema menos latente na pesquisa de *large-n*, a qual aplica largamente a técnica estatística, em que a escolha das observações é aleatória. Ao contrário do que acontece nos estudos de caso, em que os mesmos são selecionados justamente pelos valores que apresentam. Ou seja, o resultado entre a variável dependente e as de controle já é minimamente previsto (George & Bennet, 2005; Bennet & Elman, 2006). Em suma, é justamente pelos valores que assumem na variável dependente que estes casos despertam o interesse do pesquisador.

No entanto, Geddes (1990) afirma que quando o pesquisador escolhe casos de acordo com os valores da variável dependente, duas ordens de problemas surgem: primeiro, incorre-se no erro de considerar que as similaridades entre os casos representam a causa do fenômeno em estudo; segundo, tentar generalizar as conclusões encontradas para os demais casos não selecionados. Para solucionar essas dificuldades, Geddes (1990:135) recomenda escolher os casos sempre de forma aleatória, ou por algum critério que não esteja relacionado com a variável dependente, manobra recorrente na pesquisa quantitativa. Outra escolha condenada por Geddes (1990) e já antecipada por Lijphart (1975) diz respeito à seleção dos casos em virtude de proximidade geográfica. Frequentemente a política comparada de poucos casos é utilizada para investigar a relação entre países, configurando estes como unidades de análise. A depender da questão de pesquisa, selecionar países pelo critério geográfico também pode enviesar a análise².

Landman (2008) aponta que o problema do viés de seleção é mais latente em estudos de poucos países e em casos único, em que o pesquisador aprofunda a análise em um único país. Nesse caso, a intencionalidade da escolha é parte integrante da pesquisa, porém não exclui certos procedimentos para evitar uma superestimação das conclusões de pesquisa. Segundo o autor, há quatro soluções para amenizar o problema em se selecionar casos com valores na variável dependente. O primeiro deles é escolher casos que apresentem valores positivos e negativos da variável dependente. Segundo se baseia na escolha de países em que a partir de um conhecimento substantivo já estabelecido que de

² Geddes (1990) utiliza como exemplo pesquisas sobre repressão à classe trabalhadora e crescimento econômico. Quando se compara apenas entre os países do Leste Asiático, tem-se a falsa impressão que repressão e crescimento econômico estão correlacionados, mas na verdade o Leste Asiático tem uma média de crescimento naturalmente maior do que outros países em outras regiões seja países democráticos ou não.

fato se trata de casos paralelos³. Terceira solução surge quando se tem uma teoria forte o suficiente que auxilie a esclarecer os resultados e as explicações obtidas a partir dos casos selecionados. Por fim, uma teoria forte também permite identificar casos menos prováveis de se encontrar o fenômeno de interesse. No entanto, é bom lembrar que “All four solutions demand close attention to the types of inferences that are being drawn when intentionally choosing countries for comparison” (Landman, 2008: 39).

3.2 O Problema da Mensuração

Dentro das RIs, o debate sobre a necessidade de um aporte mais científico surgiu nos primeiros escritos de autores realistas, em resposta ao forte teor normativo das escolas liberais clássicas nos estudos sobre guerra e paz. Morgenthau foi um dos primeiros realistas a se aproximar de uma abordagem mais científica, apesar de não discutir a adesão da disciplina a um posicionamento ontológico específico. Segundo Hollis & Smith (1991), ao fazer uso da objetividade e da empiria para explicar o cenário internacional, Morgenthau estabeleceu os primeiros parâmetros para a inserção do positivismo nas RIs, apesar desse enquadramento ser controverso⁴.

Com a influência da revolução behaviorista que impactou todas as ciências sociais na década de 60, as RIs passam a avaliar as possibilidades de investigação dos fenômenos internacionais; seja pelo viés positivista, seja pela valorização do tradicionalismo-histórico como resposta ao primeiro. Cabe ao Realismo explorar uma das primeiras questões de caráter metodológico fundamentais para a sistematização da pesquisa na área: o nível de análise. Waltz (1959) reconhece que o sistema internacional divide-se em três níveis potenciais de análise: 1) o indivíduo, em que se assume que este possui uma natureza fixa e auto interessada; 2) o Estado, que tanto pode se comportar de forma belicosa ou pacífica, já que se o sistema fosse marcado apenas pela existência de Estados pacíficos, não haveria guerra; 3) o Sistema, caracterizado pela guerra cuja causa é a anarquia internacional. Definir a direção e o foco da análise ainda é o maior desafio das RIs⁵. As teorias realistas persistem em aplicar a noção unívoca de que a formação interna da agenda não interfere na dinâmica externa de atuação dos Estados e que a busca pela efetivação do interesse nacional tem um mesmo fim para todos: acumulação de poder (Nogueira & Messari, 2005).

³ Neste caso, uma pesquisa *largen-n* anterior indica quais casos são passíveis de comparação.

⁴ Segundo Wight (2002), Morgenthau era muito mais um empirista do que um positivista, em virtude da ausência de comprometimento do autor em construir um aporte genuinamente científico para as RIs.

⁵ Ao contrário de Kaplan (1957), que defendia o mundo multipolar como o mais estável, o neo-realismo estrutural de Waltz (1979) identificava na dinâmica sistêmica a fonte dos conflitos e entendia a bipolaridade como o arranjo mais próximo de uma estabilidade internacional, em virtude do clássico conceito de equilíbrio de poder.

Apenas com o conceito liberal de interdependência complexa (Keohane & Nye, 1977), o nível doméstico passou a ter importância na definição do interesse nacional, bem como a multiplicidade de atores, estatais ou não⁶. As mudanças produzidas no cenário internacional com o fim da Guerra-fria, a influência das abordagens liberais revisitadas e o surgimento de novos paradigmas construtivistas e pós-modernistas reforçando a interação entre os diversos níveis de análise evidenciaram as dificuldades conceituais e metodológicas das RIs. Identificar o impacto dos diversos níveis de análise para formular uma tipologia de interação exigia agora do internacionalista uma preocupação ainda maior com desenho de pesquisa e refinamento teórico.

O primeiro desafio da disciplina é definir e explorar formas de mensuração dos seus conceitos basilares. Segundo Herrmann (2002), as abordagens racionalistas buscam descrever o ambiente externo a partir de uma estratégia objetiva, aplicada tanto para estimar as motivações dos atores políticos quanto os resultados advindos da interação destes com o sistema internacional. Como exemplo, o conceito de interesse nacional é definido a partir da constatação da inexistência de regulamentos externos às ações do Estado. Dessa forma, os atores estatais são compelidos a adotar estratégias de sobrevivência em um ambiente marcado pela anarquia.

Na perspectiva realista, independente do conteúdo específico de suas ações, os Estados agem com o objetivo de acumular mais poder e garantir sua autosobrevivência. Definir poder torna-se essencial para estimar a distribuição deste no sistema internacional. Assim como para as teorias realistas quanto para as racionalistas, definir poder e como ele é distribuído é fundamental para entender as dinâmicas da balança de poder. Já para os liberais institucionalistas, a possibilidade de cooperação está diretamente relacionada com a multiplicidade de organizações internacionais, criando um sistema de *compliance* e modificando as expectativas na interação entre os atores internacionais, principalmente estatais. Em outras palavras, quanto mais alto e mais aprofundado for o nível de institucionalização, proporcionalmente maior seria a cooperação na política internacional (*idem*, 2002:128).

The Correlates of War Project (COW)⁷ é o mais completo banco de dados disponível para mensurar uma série de questões internacionais e é organizado desde 1973 pelo Prof.

⁶ Os estudos voltados para a análise de política externa foram os mais beneficiados com as mudanças nas disciplina (Ayron, 2008).

⁷ O repositório possui igualmente dados sobre formação de alianças, atuação diplomática, de comércio bilateral, dentre outros (<http://www.correlatesofwar.org/>). Há ainda diversos outros índices que buscam medir poder, dentre eles: Global Firepower Index (<http://www.globalfirepower.com/>), que se concentra em uma série de indicadores militares; National Power Index (<http://www.nationalpower.info/>), que insere variáveis macroeconômicas também.

David Singer. O projeto ainda se destina a ser um repositório de dados enviados por outros pesquisadores e universidades. O COW define *poder* a partir de um indicador que estima as Capacidades Materiais Nacionais, que reúne uma série de indicadores secundários, a exemplo de população, gastos militares, efetivo militar, consumo, produção de energia e ação, dentre outras. O grande problema aqui é a necessidade de combinar este indicador de capacidade nacional com outras características que também são passíveis de influenciar o sistema de crenças ao quais os atores internacionais estão expostos. Por exemplo, como verificar empiricamente quais Estados fazem mais uso do *soft power* (Nye, 2002) do que outros⁸? Até mesmo o autointitulado "último dos realistas", John Mearsheimer (2001) afirma que a capacidade de ameaçar outrem pode ser tão ou mais efetivo do que de fato exercer fisicamente poder militar. No entanto, a questão continua em aberto: é possível identificar e diferenciar Estados que possuam maior ou menor capacidade de ameaça? De que forma essas dinâmicas são afetadas por fenômenos recentes, a exemplo das interações cibernéticas? Como mensurar a sensibilidade e a vulnerabilidade de cada Estado, como propõe os adeptos da interdependência complexa? Como as abordagens neo-funcionalistas podem avaliar de forma comparativa diversos processos de integração regional sem que haja uma forma minimamente objetiva de estimar níveis de institucionalização supranacional? Está mais do que claro que as Relações Internacionais precisam discutir e enfrentar a dificuldade de mensuração para diminuir o descompasso entre teoria e empiria.

Mearsheimer & Walt (2013) apontam que com o avanço e a democratização da tecnologia, a resposta apresentada pelos pesquisadores refletiu um crescimento de estudos quantitativos, principalmente nos estudos de segurança e defesa e centros de pesquisa instalados nos Estados Unidos. No entanto, os autores alertam que em virtude da maior dificuldade de mensuração dos fenômenos internacionais, o simples teste de hipótese não pode ser feito de forma automática, principalmente em modelos lineares. Testar a adequação de uma teoria requer uma constante conexão desta com a análise dos dados coletados. Do contrário, "there are two possible dangers, therefore: (1) theorizing that pays too little attention to testing; and (2) empirical tests that pay too little attention to theory. Because any discipline must perform both activities, the key issue is finding the optimal balance between them" (*idem*, 2013: 437).

Os autores elencam cinco ordens de problemas que dificultam a investigação, são elas: 1) modelos mal construídos, que além do problema de seleção dos casos, é preciso entender como as variáveis se comportam quando agrupadas no modelo; 2) mensuração

⁸ Para uma interessante possibilidade de mensuração, ver: <http://softpower30.portland-communications.com/methodology/>

ineficiente, obstruindo a existência de consensos sobre conceitos chave como poder, coerção e cooperação; 3) baixa qualidade na coleta de dados específicos nas RIs⁹, problema que se reforça em estudos comparados quando diferentes agências em diferentes países fornecem banco de dados com indicadores difíceis de serem comparados; 4) a ausência de explicação, em que mesmo quando o modelo esteja ajustado, as variáveis de interesse bem definidas e uma coleta eficiente de dados, há ainda pouca generalização nas RIs; 5) Por fim e como consequência das dificuldades já citadas, persistente carência de confirmações empíricas que favoreçam o acúmulo de conhecimento na disciplina. No entanto, para superar esses desafios e estimular o progresso intelectual da disciplina, compreender e explorar as diversas ferramentas de análise disponíveis é imprescindível para o teste de teorias.

3.3 Definindo Causalidade

A obra seminal de King, Keohane and Verba é considerada referência principalmente por propor um desenho de pesquisa a ser aplicado independente da técnica de pesquisa escolhida pelo pesquisador. Segundo os autores, seja um estudo quantitativo ou qualitativo, este pode ser sistemático e científico, contanto que siga uma lógica de inferência: “the lessons of these efforts should be clear: neither quantitative nor qualitative research is superior to the other, regardless of the research problem being addressed¹⁰” (1994:159, kindle). Apesar de não elencarem uma técnica como superior a outra, King et al (1994) admitem que haja uma maior facilidade em identificar as regras de inferência em estudos quantitativos (1994:166, kindle). E mais, estudos qualitativos contribuiriam muito mais para entender as dinâmicas sociais se buscassem produzir explicações baseadas na lógica de inferência apresentada pelos autores¹¹. É importante lembrar que os autores não estendem essa recomendação a todo e qualquer tipo de pesquisa social. Os autores lembram que o desenho de pesquisa proposto pelo livro se refere apenas aos estudos com um viés empírico, excluindo aqueles que tem preocupações estritamente filosóficas ou teóricas.

A obra de KKV provocou uma reação em cadeia de diversos pesquisadores da área, por defender a necessidade de se testar hipóteses e que toda pesquisa social deve ter como fim estabelecer inferências, seja ela descritiva¹² ou causal. No entanto, diferentemente de

⁹ É possível citar diversos exemplos, desde as estimativas de posse de armas nucleares e morte de civis em conflitos militares a dados sobre fluxo migratório.

¹⁰ “As lições desses esforços deveriam ser claras: nem a pesquisa quantitativa ou qualitativa é superior a outra, independentemente do problema de pesquisa a ser resolvido”.

¹¹ Essa perspectiva recebeu diversas críticas em estudos posteriores e que serão discutidas a seguir, principalmente porque esta tese considera essas ressalvas importantes para nosso modelo analítico.

¹² Em uma inferência descritiva a chave da investigação está em identificar fatores sistêmicos e não-sistêmicos relacionados ao objeto de pesquisa. Isso significa isolar os processos constantes nas observações daqueles

uma inferência descritiva, a definição de causa e efeito é bem mais complexa para as ciências sociais. Segundo os autores, esta é uma incerteza que dificilmente será sanada, mas que não deve impedir o cientista de ir além da inferência descritiva quando tiver evidências suficientes para tal (idem; 1994: 1485, kindle).

A principal crítica direcionada à obra é certamente a predileção desta por uma inferência baseada na lógica quantitativa. Apesar de reconhecerem outras definições de causalidade¹³, além daquela da mensuração do efeito das causas, o pouco espaço dedicado por KKV a essas alternativas fez surgir uma série de estudos que não apenas tentam corrigir essa deficiência, mas que defendem uma maior importância da técnica qualitativa, ou pelo menos um reconhecimento dos *trade-offs* enfrentados pela lógica quantitativa de inferência causal (Lieberman, 2005; Box-Steffensmeier, Brady & Collier, 2008; Mahoney, 2010; Brady & Collier, 2010).

O primeiro problema levantado diz respeito à dificuldade, quiçá impossibilidade, de se aplicar a lógica de inferência causal de KKV para determinados problemas de pesquisa em que o controle das variáveis e das observações não pode ser manipulado pelo pesquisador, o que ocorre com certa frequência em estudos da política comparada, instituições e regimes. Como bem aponta Przeworski (2007),

To identify the impact of political regimes on growth, we need to learn how political regimes come about and die. To identify the impact of peace-keeping mission on peace, we need to know when such missions are undertaken. To identify the impact of voting machines on the Bush vote, we need to know under what conditions different machines were in place. Hence, we need to study **causes of effects** as well as **effects of causes** (2007:148).

Przeworski (2007) afirma que pela impossibilidade de controlar variáveis histórico-culturais de forma aleatória ou quasi-experimental, inferências causais podem sofrer de endogeneidade. Quando se trata de instituições, regimes políticos e todo e qualquer fenômeno que apresente um processo histórico em curso, é necessário ter em mente a dificuldade de se eliminar totalmente a endogeneidade e a interferência das condições específicas nas quais as causas são geradas.

Collier, Brady & Seawright (2010) rechaçam fortemente KKV afirmando que mecanismos causais não apenas fornecem uma noção de contexto, como possuem potencial para confirmar ou negar uma inferência causal, além de alertar para correlações espúrias. Brady (2010) vai além afirmando que tanto é possível ter uma explicação sem

ocasionais. A ideia aqui é expor o padrão que é comum e persistente entre as observações e o que é uma exceção (idem, 1994).

¹³ Entre elas, mecanismos causais, múltipla causalidade e causalidade simétrica e assimétrica. Para King, Keohane e Verba, mecanismos causais se estabelecem após a identificação do efeito de uma causa; enquanto a ocorrência de múltiplas causas pode ser corrigida com recursos estatísticos mais sofisticados; por último, causalidade simétrica e assimétrica não constituíram uma definição em si de causalidade, mas apenas um tipo de inferência causal (1994:1654, kindle).

causalidade, assim como efeitos de uma causa sem uma explicação (72p.). Segundo o autor, o grande problema na definição de causalidade apresentada por KKV é o pré-requisito da validade interna do modelo, que depende significativamente da eficiência na mensuração dos dados disponíveis, o que na área de Relações Internacionais é problemática.

Em um dos seus mais recentes livros sobre metodologia das RIs, Lebow (2014) propõe uma nova definição de causalidade, que segundo ele, se enquadraria melhor para a complexidade característica da disciplina. Reconhecidamente um pluralista em virtude de outras obras mais recentes¹⁴, Lebow (2014) cunha o termo *Inefficient Causation*, ou em tradução livre: Causação Ineficiente. O autor afirma que o objetivo deste conceito é agregar tanto a possibilidade de generalização quanto o contexto dos fenômenos histórico-sociais. Segundo ele: "It assumes that most important international outcomes are context dependent and therefore best characterized as instances of singular causation. It is rooted in an understanding of the political world as open-ended, non-linear, and reflexive".

Lebow (2014) ainda afirma que o principal problema das RIs é que estas são incapazes de realizar predições da forma como temas da Ciência Política conseguem, a exemplo de estudos eleitorais. Segundo o autor, as RIs são capazes de fazer projeções e não predições. A diferença aqui, ele afirma, trata-se da capacidade de predições estimarem tendências em termos de gradação, enquanto que:

Forecasting, by contrast, uses theories, propositions or correlations as starting points for open-ended, multiple narratives that build on context. They recognize that any story line may be confounded by events as so much of what determines outcomes is context dependent and outside of any theory, proposition or regularity. Associations, even weak ones, can serve as the foundation for forecasts, but not of predictions. Many predictions are nevertheless possible. Claims that the euro will survive its latest crisis, that Iran is seeking a nuclear weapon capability, or that global warming will have profound climactic consequences may all be correct, but none of them are based on regularities (*Idem*, 2014:49).

Apesar do jogo de palavras para tentar diferenciar projeções de predições¹⁵, Lebow (2014) tem por objetivo principal defender a idéia de que as RIs se adequam melhor a uma explicação por processo e não por regularidade. Ao aplicar o conceito de causação singular como justificativa para a ideia de Causação Ineficiente, o autor também parte do pressuposto que boa parte dos eventos nas relações internacionais apresentam uma causalidade para aquele evento ocorrer, porém estaria permeada pelo contexto específico deste. Portanto, em sua visão, explicar fenômenos como as duas grandes guerras, a

¹⁴ Ver: Lebow & Lichbach (2007). *Theory and Evidence in Comparative Politics and International Relations*. New York: Palgrave Macmillan; Lebow (2008). *A Cultural Theory of International Relations*. Cambridge University Press.

¹⁵ Para definir projeções, aquela que segundo o autor é a única que pode ser aplicada para as RIs, Lebow emprega o termo *forecast*, enquanto que usa o termo *predictions* para a capacidade de outras ciências sociais que efetivamente estimam tendências.

Guerra-Fria ou ainda a integração europeia a partir da busca por regularidades é um esforço inútil. Por fim, Lebow (2014) afirma que estudos comparados não perdem sua eficácia e permanecem sendo uma fonte importante para testar teorias e acumular achados, porém apenas por meio da técnica *process tracing* para estudos de caso em profundidade é que seria possível estabelecer uma causalidade, então, eficiente¹⁶.

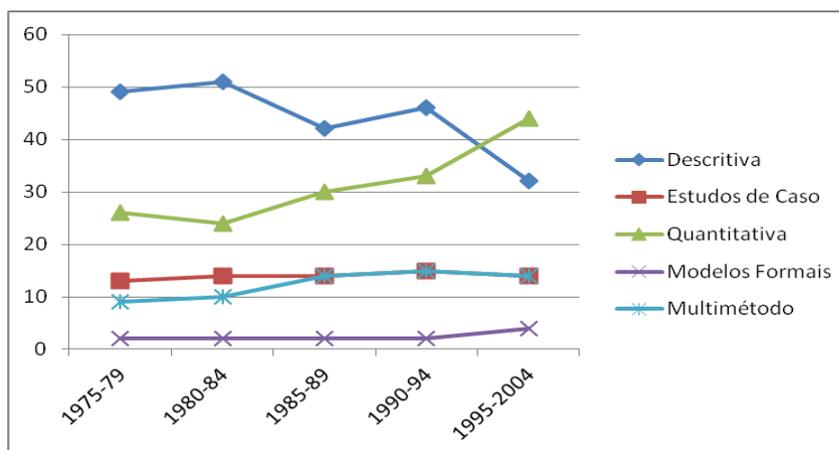
Talvez uma possível solução para estabelecer relações causais resida no desafio em integralizar diversas ferramentas de pesquisa para explicar um mesmo fenômeno. O próximo e último tópico deste artigo tratará desta possibilidade.

4. O Multimétodo: explicando mais e melhor?

4.1 Definição e possibilidades

Sprinz & Wolinsky-Nahmias (2004:3) afirmam que o progresso intelectual de qualquer disciplina passa por três estágios, são eles: identificar um conjunto de fenômenos e questionamentos correlatos a estes para investigação; construção teórica sobre as observações e o problema de pesquisa; e por fim, aplicar uma metodologia capaz de confrontar o arranjo teórico com os achados empíricos. Os autores concordam que as Relações Internacionais ainda são frágeis nesta última fase. Ao investigar em diversos periódicos que contenham publicações na área de Relações Internacionais, em sua maioria norte-americanos¹⁷, os autores identificaram um aumento no uso de técnicas quantitativas, ao passo que estudos descritivos perderam espaço nos principais *journals*.

Gráfico 3. Tendências na Metodologia em Relações Internacionais



Fonte: Gráfico adaptado e traduzido pela autora. Sprinz & Wolinsky-Nahmias (2004).

¹⁶ Porém, não determinística (Jacobs, 2014).

¹⁷ Amostra coletada pelos autores nos seguintes periódicos: *American Political Science Review*, vols. 69–94; *International Organization*, vols. 29–54; *International Security*, vols. 1–25; *International Studies Quarterly*, vols. 19–44; *Journal of Conflict Resolution*, vols. 19–44; and *World Politics*, vols. 27–52.

Os autores alertam para a ausência de uma variedade maior de técnicas de pesquisa que estão à disposição dos internacionalistas, mas que estes não ousam o suficiente em suas publicações. No entanto, eles percebem como frutífero o crescimento de estudos que combinam diversas ferramentas metodológicas em único estudo, o multimétodo.

Ao discutir brevemente o conceito de mecanismos causais, King, Keohane & Verba (1994) reservam um lugar de coadjuvante para ferramentas qualitativas de pesquisa como *process-tracing*. Segundo eles, este tipo de recurso é uma faceta complementar, contribuindo para inferência descritiva que antecede a inferência causal, mas que não constitui o foco principal para mensurar o efeito das causas. Ao contrário das técnicas disponíveis para analisar dados *large-n*, em uma pesquisa qualitativa o controle das variáveis é menos automático. É impossível reescrever a história com a presença ou ausência dos processos sistêmicos inicialmente identificados pela inferência descritiva, o que torna o estabelecimento de uma causalidade uma tarefa muito mais complexa.

Brady (2010:76) considera insuficiente a solução apresentada por KKV para a dificuldade de mensuração nas ciências sociais, afirmando ser simplista a divisão entre variáveis nominais, ordinais e intervenientes para a complexidade das ciências sociais. No entanto, o autor não apresenta uma alternativa consistente à proposta de KKV, mas alerta para a contribuição da pesquisa qualitativa na elaboração de tipologias e taxonomias conceituais, mas que possuem algum grau de flexibilidade, como no exemplo abaixo,

Thus we can measure democracy extensively by the fraction of the population enfranchised or by the number of parties, or we can measure it conjointly by using ratings from knowledgeable observers. If we use the second method, as qualitative researchers are inclined to do, then we might want to think about whether we should scale the raters as well as the countries that are rated. Maybe the raters differ in their willingness to call a country a democracy; maybe they even have biases of some sort or another (Brady, 2010: 79).

A partir do modelo de análise *fuzzy-set*¹⁸ apresentado por Ragin (1987), Mahoney (2010) defende a existência de uma nova metodologia qualitativa que se revela de grande contribuição para o desenho de pesquisa, em que ambas as ferramentas associadas poderiam compartilhar seus pontos fortes e superar em conjunto suas limitações.

This literature suggests that qualitative work can help quantitative researchers with inevitable challenges concerning concepts and measurement, case homogeneity, and justifying key assumptions such as conditional independence. It likewise assumes that qualitative analysts can benefit from quantitative research when selecting cases, formulating hypotheses, and generalizing results. (2010:139).

Para Tarrow (2010) a ponte entre as duas técnicas tem sido cada vez mais comum nas ciências sociais, o que demonstra uma contribuição mútua entre as duas ferramentas na

¹⁸ Técnica desenvolvida para criação de tipologias e taxonomias por meio da redução de conceitos e características em comum feita a partir de uma comparação qualitativa de poucos casos. Baseado na álgebra booleana, a técnica de fuzzy-set permite uma análise formal na pesquisa qualitativa. Essa metodologia também é conhecida como QCA (*Qualitative Comparative Analysis*).

explicação de um dado fenômeno social. Uma das técnicas de multimétodo mais comuns é o que Tarrow (2010) denomina de triangulação, em que em um único projeto de pesquisa há uma combinação entre dados lineares e dados qualitativos. Esta combinação é feita com o intuito de complementar possíveis vácuos explicativos deixados por uma ou outra técnica de pesquisa, além de contribuir para o teste de teorias e modelos estatísticos¹⁹.

Ao avaliar uma série de estudos que tentam estabelecer o efeito do regime democrático no crescimento econômico, Seawright (2010) afirma que nenhuma pesquisa que aplicou apenas modelos de regressão conseguiu estabelecer com segurança qual o tipo de relação que se estabelece entre esses dois fenômenos. As conclusões desses estudos vão desde que a democracia causa crescimento econômico até que a mesma é irrelevante. Segundo ele, as inconsistências apresentadas pelos modelos estatísticos derivariam do excesso de confiança depositado em regressões lineares aplicadas a processos complexos (idem, 2010: 249). Para o autor, a pesquisa qualitativa e os estudos de caso em profundidade não apenas serviram como teste de teoria e dos modelos quantitativos, mas principalmente como uma forma de tornar a inferência causal mais plausível, validando-a ou como forma de identificar mecanismos causais não observados anteriormente. Segundo o autor, quando se trata de uma causalidade complexa, sempre haverá o risco de se ter variáveis omitidas pelo modelo estatístico e por mais que se ajuste esse modelo, sempre será difícil tratar com um objeto de estudo que é multicausal.

Collier & Elman (2008) afirmam que a noção de complementaridade entre as ferramentas de análise quantitativas e qualitativas apresentam diversas configurações quando se trata de uma pesquisa de multimétodo. Segundo os autores, por exemplo, tanto pesquisas quantitativas quanto qualitativas podem usar modelos matemáticos em suas análises²⁰, assim como se encontram estudos históricos de large-n, com análise qualitativa aprofundada.

Os autores apresentam ainda três definições práticas de multimétodo, em que a primeira delas refere-se ao uso das diversas ferramentas qualitativas entre si. Entendendo que a pesquisa qualitativa tem se ampliado significativamente na última década, a possibilidade de interação entre a variedade de técnicas qualitativas disponíveis permite elaborar explicações alinhando diversas metodologias, como exemplo de estudo de poucos casos aliado a *process tracing*, ou fuzzy set, ou ainda em associação com a identificação de *parth dependece* (idem, 2008:782). Outra definição para multimétodo parte da conexão

¹⁹ Lieberman (2005) também defende o uso da triangulação para melhor testar a robustez de teorias e modelos explicativos, no entanto ele afirma se estar uma análise aninhada, em que se escolhe casos *in* e *out* a depender dos achados do modelo linear anteriormente aplicado.

²⁰ Assim como há programas estatísticos que fazem análise de discurso, a exemplo do Nvivo, há a técnica de fuzzy set desenvolvida por Ragin (1987) que utiliza álgebra booleana em pesquisas qualitativas.

entre a abordagem interpretativista e a construtivista, baseada na ideia em que os fenômenos sociais podem ser compreendidos integrando a noção de hermenêutica com a construção social do mundo político. Portanto, há diversas formas de combinação de técnicas quanti e quali em uma mesma pesquisa. Com base em Tarrow (2010), segue um quadro que resume as possibilidades de interação mais presentes na literatura atual,

Interação entre estudos Quantitativos e Qualitativos	
Técnica	Procedimento
<i>Process Tracing</i> (rastreamento)	Análise qualitativa voltada para identificar processos de mudanças, explicando mecanismos causais não claramente explicados por prévia análise estatística.
Pontos de Ruptura	Explica mudanças bruscas de padrões em análises quantitativas de séries temporais.
Inferências qualitativas reforçadas pela técnica quantitativa	Análise aprofundada de alguns casos que fornece confiança suficiente para uma inferência causal, passível de ser comprovada em um estudo estatístico complementar.
Dados quantitativos como ponto de partida para análise qualitativa	Tarrow (2010) propõe uma <i>combinação</i> das duas técnicas, enquanto sugere que KKV defendem a noção de complementaridade com vistas à lógica de inferência estatística.
Estudos sequenciais	Entre diversos projetos diferentes de pesquisa, pesquisadores recorrem ambas as técnicas de forma aleatória, na tentativa de expandir os achados anteriores.
Triangulação	Combinação das técnicas quantitativa e qualitativa em um único projeto de pesquisa com o intuito de aumentar o poder explicativo do modelo.

Fonte: Traduzido e adaptado de Tarrow (2010: 104).

Nessa perspectiva, tanto a modelagem qualitativa quanto a quantitativa podem representar o ponto de partida da pesquisa, percebendo a outra técnica como forma de expandir as descobertas da técnica previamente utilizada. Mahoney (2010) tem ressalvas quanto ao uso da análise qualitativa posteriormente ao emprego de regressões, em virtude das críticas que o autor retém a KKV, ao passo que também vê com desconfiança o modelo proposto por Lijphart (1971) que apresenta os estudos de caso, tradicionalmente qualitativos, como forma de gerar hipóteses a serem testadas posteriormente pela técnica estatística. Mahoney (2010:142) afirma que a literatura mais recente não apresenta uma divisão do trabalho tão clara entre as duas ferramentas, e sim que é possível gerar hipóteses e testá-las apenas com procedimentos qualitativos. Mais uma vez, o autor credita à autonomia das lógicas de inferência entre as duas técnicas e aos objetivos iniciais da pesquisa como a melhor forma de interação entre os dois modelos:

In short, process tracing in an individual case can lead a researcher to use regression analysis. The purpose of the regression analysis, however, is not necessarily to generalize a finding about the one case to a broad range of cases. Rather, its purpose may be to increase leverage for validity answering a question about that one specific case (idem, 2010:143).

Apesar da importância das observações de Mahoney (2010), a proposta defendida pelo autor esbarra em problemas práticos e apresenta algumas contradições. A exemplo da citação acima, ao propor que a análise de regressão seja aplicada para entender apenas um caso específico, ignora-se o fato que a lógica de inferência da própria regressão é de fato identificar padrões e, por consequência, generalizar conclusões ao comparar o maior número possível de observações²¹. Ao defender a lógica própria de inferência da pesquisa qualitativa, peca-se por repetir o erro no que tange aos estudos quantitativos. Além disso, Mahoney (2010) não apresenta um modelo claro de como associar as duas ferramentas sem que haja interferência nos procedimentos de cada uma.

4.2 O Potencial do Multimétodo para às Relações Internacionais

Como bem lembra Braumoeller & Sartori (2004), a aplicabilidade de modelos estatísticos para as RIs depende especialmente da capacidade dos pesquisadores em dominar a técnica, considerando as dificuldades específicas da disciplina, que vão desde o já citado problema de mensuração até as recentes considerações sobre significância e magnitude estatística²². Por outro lado, os internacionalistas precisam igualmente ampliar suas habilidades e aprofundar seu conhecimento sobre as diversas ferramentas possíveis para a pesquisa qualitativa. Se o ambiente internacional é complexo em demasia para ser averiguado em modelos lineares, é preciso ir além do uso recorrente da análise histórico-documental como principal opção investigativa.

Checkel (2013) afirma que as Relações Internacionais possuem uma pluralidade ímpar. A partir da estratégia de *Building Bridge*, o autor identifica na combinação de abordagens a base teórica para a aplicabilidade da integração de técnicas de pesquisa. O autor indica duas possibilidades: quando o núcleo explicativo de duas teorias são combinados para elaborar uma teoria aditivada; e quando há duas teorias que permanecem ao longo do tempo explicando um mesmo evento. Keohane e Axelrod (1985) em *Cooperation Under Anarchy* é um exemplo clássico da primeira possibilidade, em que o racionalismo alinhado à teoria dos jogos explicaria a persistência de instituições internacionais permitindo que Estados auto-interessados cooperem. Em contrapartida, a complexa integração da União Européia pode ser compreendida a partir de uma combinação da perspectiva construtivista e da racional, sendo entendida como um

²¹ Nesse sentido, a melhor forma de seguir a recomendação de Mahoney (2010) é aplicar modelos de regressão em estudos longitudinais de um mesmo caso.

²² Segundo os autores, metodólogos da Ciência Política já tem demonstrado que o R² tem sido superestimado para avaliar a robustez de um modelo estatístico. Ver: <https://www.amstat.org/newsroom/pressreleases/P-ValueStatement.pdf>, acesso em 20 de junho de 2016.

restultado de um processo tanto de construção de uma identidade regional quanto do cálculo estratégico (Checkel, 2007 *apud* Checkel, 2013).

Como discutido anteriormente, de uma forma geral, o multimétodo pode ser utilizado tanto para testar quanto construir novas teorias (Lieberman, 2005). Nas Relações Internacionais, é crescente o uso de *process tracing* seguido de uma análise prévia estatística, combinação esta explicado brevemente no tabela 1 (p.17). Em uma análise sobre o processo inserção do Leste Europeu às principais organizações internacionais da região, Schimmelfenning (2003) parte de um estudo de *large-n* com todas as decisões sobre alargamento em três instituições: União Européia, OTAN e Conselho da Europa. A partir desta análise, o autor conclui que de fato há uma correlação robusta entre o regime democrático liberal nessas nações e a ampliação no número de membros dessas organizações. Para compreender o mecanismo causal pelo qual esta correlação é alta, o autor realiza um *process-tracing* para testar diversos modos de ação previsto por diversas abordagens teóricas como sendo as motivações por trás do alargamento²³.

Schimmelfenning (2003) conclui com base em diversas evidências empíricas que as motivações para o alargamento não são nem normativas e nem pelo compartilhamento de motivações anteriores ao processo, e sim, pela força da comunicação e, em maior grau, da retórica, da negociação, do convencimento. Dessa forma, o multimétodo auxiliou a reforçar a teoria racionalista institucional como principal explicação para o alargamento aos países do Leste Europeu, enfraquecendo a explicação construtivista, na qual motivações em comum, uma aproximação identitária precederia o alargamento.

Segundo Mintz (2005), a área das RIs que tem apresentado uma maior pluralidade de técnicas de pesquisa tem sido os estudos de *decision-making*. Ao tentar estimar como lideranças políticas decidem, suas motivações, crenças e a interferência de fatores sistêmicos e domésticos nesse processo, lançam mão de quasi-experimentos, modelos formais, estatísticos e estudos de casos para entender a tomada de decisão de líderes mundiais. Em geral, Temáticas como Corridas Armamentistas, Processos Decisórios, Defesa, Paz Democrática e Deterrence tem diminuído o problema da ausência de acumulação de achados, além de fortalecer o teste de teorias, ao recorrer às mais diversas técnicas de pesquisa. Mintz (2005) apresenta na tabela abaixo esta pluralidade metodológica.

²³ Modos de ação previstos pela teoria construtivista, o racionalismo institucional e a abordagem clássica da escolha racional. São eles: habitual; normativa, comunicativa e retórica).

Figura 1 - O Uso de Múltiplos Métodos de Investigação nas Relações Internacionais

Table 1.3. The Use of Multiple Methods of Inquiry in International Relations

<i>Topic</i>	<i>Method</i>			
	<i>Statistical</i>	<i>Formal</i>	<i>Experimental</i>	<i>Case Study</i>
Alliances	X	X		X
Arms Races	X	X	X	X
Arms Races & Escalation	X	X		X
Balance of Power	X	X		X
Civil War	X	X		X
Decision Making	X	X	X	X
Defense-Growth/Guns-Butter Tradeoffs	X	X	X	X
Democratic Peace	X	X	X	X
Diversionary Theory	X	X		X
Deterrence	X	X	X	X
Enduring Rivalries	X	X		X
Long Cycles	X	X		X
Power Transition	X	X		X
Trading Relations	X	X		X

Fonte: Extraído de Mintz, 2005: 16.

No entanto, Mintz (2005) aponta que a maior dificuldade desses estudos, caso queiram efetivamente aplicar a lógica de multimétodo, seria partir de uma mesma pergunta de pesquisa (idem, p.16). Em virtude disto, não é qualquer pesquisa, por mais complexa que seja, que se adequaria a uma técnica de multimétodo. Em referência diretamente às Relações Internacionais, que tradicionalmente recorre aos estudos de caso, por vezes não é possível realizar uma pesquisa prévia longitudinal estatístico pela simples razão da dificuldade de acesso aos dados. Dessa forma, integralizar diversas técnicas de pesquisa para responder uma mesma questão possui um enorme potencial para superar os dilemas explicativos das Relações Internacionais. No entanto, ter um domínio geral das diversas técnicas disponíveis e compreender claramente até que ponto o problema de pesquisa se adequa a uma análise de multimétodo (e não o contrário), certamente é o maior desafio para os pesquisadores da área.

5. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo principal fazer um panorama sucinto sobre a importância e os desafios da discussão metodológica em RI, além de apresentar o multimétodo como possível saída para a complexidade causal característica da disciplina.

Entende-se que mais artigos como este são necessários, inclusive para avaliar o progresso da pesquisa na área. Está claro que este é um debate que não se difere daquele já realizado pelas demais ciências sociais, especialmente na Ciência Política, mas que no entanto carece de ampliação nas RIs. Espera-se que ao aprofundar o debate, a velha e confortável dicotomia *ser ou não ser* quantitativista dê lugar a uma maior criatividade metodológica.

Referências Bibliográficas

- BENNETT, A.; ELMAN, C. (2006). "Qualitative research: Recent developments in case study methods", *Annu.Rev.Polit.Sci.*, vol.9:455-76.
- BRADY, H. (2010). "Doing Good and Doing Better: How Far Does the Quantitative Template Get Us?". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standars*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- BRAUMOELLER, B.F., SARTORI, A.E. (2004). "The Promise and Perils of Statistics in International Relations". In: Sprinz, D.F.; Wolinsky-Nahmias, Y. *Models, Numbers, and Cases: Methods for Studying International Relations*. The University of Michigan Press.
- BRADY, H.; COLLIER, D. (2010). *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standars*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- CAMPOS,C.R.(2009).“Delegação e integração regional: aspectos teóricos do paradigma principal-agente aplicado ao sistema europeu”. *Contexto Internacional* (PUCRJ. Impresso), v. 31: 85-114.
- CERVO,A. (2003). "Política exterior e relações internacionais do Brasil: enfoque paradigmático". *Rev. bras. polít. int.*, vol.46, no.2: 5-25.
- _____. (2008) "Conceitos em Relações Internacionais". *Rev. bras. polít. int.*, vol.51, no.2:8-25.
- CHECKEL, J.(2013). "Theoretical Pluralism in IR: Possibilities and Limits". IN: Carlsnaes, W., Risse, T, Simmons, B. *Handbook of International Relations*, p.220-242
- COLLIER, D. (1993). "The Comparative Method". In: Ada W. Finifter. *Political Science: The State of the Discipline II*. Washintong, D.C: American Political Science.
- COLLIER, D.; ELMAN, C. (2008). "Qualitative and Multimethod Research: Organizations, Publication, and Reflections on Integration". In: BOX-STEFFENSMEIER, J.; BRADY, H.; COLLIER, D. *The Oxford Handbook of Political Methodology*. Oxford: Oxford University Press.
- COLLIER, D; BRADY,H.; SEAWRIGHT, J. (2010). "The Quest for Standards: King, Keohane, and Verba's Designing Social Inquiry. In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standars*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- DELLA PORTA, D.; KEATING, M. (eds) (2008), *Approaches and Methodologies in the Social Sciences. A Pluralist Perspective*, Cambridge: Cambridge University Press.
- GEDDES, B. (1990) 'How the Cases You Choose Affect the Answers You Get: Selection Bias in Comparative Politics', *Political Analysis*, vol.2:131-150.
- GEORGE, A. L.; BENNETT, A. (2005). *Case Studies and Theory Development in the Social Sciences*. Cambridge, MA: MIT Press.
- GREEN, D.; SHAPIRO, I. (2005). "Revisiting the Patologies of Rational Choice". In: SHAPIRO, I. *The Flight from Reality in the Human Sciences*". Princeton University Press.
- HERRMANN, R.K. (2002). "Linking Theory to Evidence in International Relations". ". In: Carlsnaes, M.; Risse, T; Simmons, B.A. *Handbook of International Relations*. London: Sage Publications.
- HERZ, M (1997). "Teoria das Relações Internacionais no Pós-Guerra Fria". *Dados*, vol.40, no.2.
- HOFFMANN, A. R. et al (2008). "Indicadores e Análise Multidimensional do Processo de Integração do Cone Sul". *Rev. bras. polít. int.*, vol.51, no.2:98-116.
- HOPF, T. (2007). "The Limits of Interpreting Evidence". In: Lebow, R; Lichbach, M.I. *Theory and Evidence in Comparative Politcs and International Relations*. New York: Palgrave Macmillan.
- KEOHANE, R. & NYE, J. (1977). *Power and Interdependence: world politics in transition*. Boston: little brown.
- KING, G.; KEOHANE, R.; VERBA, S. (1994). *Design Social Inquiry: Scientific Inference in Qualitative Research*. Princeton University Press.

- KING, G.; KEOHANE, R.; VERBA, S. (2010). "The Importance of Research Design". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- LANDMAN, Todd (2008). *Issues and Methods in Comparative Politics: an introduction*. New York: Routledge.
- LEBOW, R. (2007). "What Can We Know? And How Can We Know?" . In: Lebow, R; Lichbach, M.I. *Theory and Evidence in Comparative Politics and International Relations*. New York: Palgrave Macmillan.
- _____. (2014). *Constructing Cause in International Relations*. Cambridge Press University.
- LESSA, A. C. (2005). "Instituições, atores e dinâmicas do ensino e da pesquisa em Relações Internacionais no Brasil: o diálogo entre a história, a ciência política e os novos paradigmas de interpretação (dos anos 90 aos nossos dias)". *Rev. bras. polít. int.*, vol.48, no.2:169-184.
- LIEBERMAN, E. (2005). "Nested Analysis as a Mixed Method Strategy for Comparative Research". *American Political Science Review*, vol.99, nº3: 435-52.
- LIJPHART, A. (1971). "Comparative Politics and Comparative Method". *American Political Science Review*, vol.65, nº3: 682-93.
- _____. (1975). "The comparable-cases strategy in comparative research". *Comparative political studies*, vol.8, nº2:158-177.
- MAHONEY, J. (2010). "After KKV: The New Methodology of Qualitative Research". *World Politics*, vol. 62, nº1:120-47
- MEARSHEIMER, J. (2001). *The Tragedy of Great Power Politics*. New York: Norton
- MEARSHEIMER, J.; WALT, S.M. (2013). "Leaving Theory Behind: Why Simplistic Hypothesis Testing is Bad for International Relations", *European Journal of International Relations*, vol.19, nº3: 427-457.
- MINTZ, A. (2005). "The Method of Analysis Problem in International Relations. IN: MINTZ, A & RUSSET, B. *New Directions for International Relations: Confronting the Method of Analysis Problem*. Oxford: Lexington Books.
- MIYAMOTO, S.(1999) "O estudo das Relações Internacionais no Brasil: o estado da arte". *Rev. Sociol. Polit.*, nº.12:83-98.
- MIYAMOTO, S.(2003) "O ensino das relações internacionais no Brasil: problemas e perspectivas". *Rev. Sociol. Polit.*, nº.20:103-114.
- NYE, J. (2002). *O Paradoxo Do Poder Americano: Por Que a Única Potência Do Mundo Não Pode Seguir Isolada*. São Paulo: UNESP.
- PRZEWORSKI, A. (2007). "Is the Science of Comparative Politics Possible? In: BOIX, C.; STOKES, S. *The Oxford Handbook of Comparative Politics*. New York: Cambridge University Press.
- RAGIN, C. (1987) *The comparative method: moving beyond qualitative and quantitative strategies*. Berkeley (CA): University of California Press.
- SANTOS, N.; FONSECA, F. (2009). "A pós-graduação em relações internacionais no Brasil". *Contexto int.*, vol.31, nº.2:353-380.
- SARTORI, G. (1991). "Comparing and miscomparing". *Journal of theoretical politics* 3(3):243-257
- SCHIMMELFENNING, f. (2003). *The EU, NATO, and the Integration of Europe. Rules and Rhetoric*. Cambridge University Press.
- SEAWRIGHT, J. (2010). "Regression-Based Inference: a Case Study in Failed Causal Assessment". In: In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- SOARES, G. (2005). "O Calcanhar Metodológico da Ciência Política no Brasil". *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº 48: 27-52.
- SPRINZ, D.F.; WOLINSKY-NAHMIA, Y. (2004). "Introduction: Methodology in International Relations". In: Sprinz, D.F.; Wolinsky-Nahmias, Y. *Models, Numbers, and Cases: Methods for Studying International Relations*. The University of Michigan Press.
- STEINER, A.(2011). "O uso de estudos de caso em pesquisas sobre política ambiental: vantagens e limitações" . *Rev. Sociol. Polit.*, vol.19, no.38:141-158.
- TARROW, S. (2010). "Bridging The Quantitative Divide". In: BRADY, H.; COLLIER, D. *Rethinking Social Inquiry: diverse tools, shared standards*. New York. Rowman & Littlefield Publishers.
- TOSTES, A. (2009). "Razões da Intolerância na Europa Integrada". *Dados*, vol. 52, nº2: 335-76.
- WALTZ, K. N. (1979). *Theory of International Relations*. MA: Addison-Wesley.
- WIGHT, C. (2002). "Philosophy of Social Science and International Relations". In: Carlsnaes, M.; Risse, T; Simmons, B.A. *Handbook of International Relations*. London: Sage Publications.